

Comrade

Ex<sup>ma</sup> Sr. Lucas de Mendonça

Fiz-me N. uma insegura e honrosa surpresa  
considerando-me a ser um dos membros da Academia  
de Letras, que por sua iniciativa vai ser fundada. Com-  
perei que fiquei entaracado para imediatamente recu-  
sar, como devia, o lugar que a sua bondade me assig-  
na entre os immortaes, brasileiros. Resolvi, porém, não  
me chei a este modo, dei-me por não accito o seu comi-  
tê. Antes de tudo ha alguma razão de ordem pessoal, que  
se refere a minha situação litteraria. Como sabe N., eu  
não sou autor de livro, não sou um escriptor. Alguns  
artigos publicados na "Revista Brasileira" não me fariam  
outra coisa que a de destruir. Quando meento sou um as-  
pirante a professor, aguardando um pouco que as  
circunstancias definam-me a vocação e mostrem-me  
o rumo a seguir. A Academia não é uma simples  
sociedade recreativa litteraria; tem missões mais eleva-  
das, directora no mundo intellectual e por isso presume-se  
a ascendencia em seus membros, escriptores feitos, tendo con-



tribuído para enriquecer a literatura em uma vasta com-  
prehensão, enobrecendo-a, e influindo nas gerações, na  
cultura de esse tempo. Sob este aspecto a Academia  
não é um nicho onde se espremem aves; é uma em-  
sacurada. Que se honre e confie a preeminência, ou  
como se quer agora a autoridade (digamos a palavra obvia)  
aos Drs. Machado de Assis, Ruy Barbosa, Jm' Gusmão,  
Joaquim Nabuco, Alceu Azevedo, Faunoy, Pl. Costa e  
as praças das 'Cancas do Autunno' Compreende-se. E  
nem, porém? E porquê? Não sejo como qualificar o  
meu serviço e assim por. De que me dispense de fazer  
figura de "alguns banquetados", simulacro de inventor, cujo  
título tenha por origem a embaixada e a camarada-  
gem. Se tal é o meu caso, temo que entre os quantos  
envidados outros estejam nas mesmas condições, e nesta  
hypothese a instituição, lixando a vaidade dos princi-  
pantes, confundindo mestres e notários, aniquilando  
o esforço colectivo, destruindo o interesse individual e  
era' perniciosa a todos.

Por outro lado, se eu tivesse voto na matéria, seria em-  
travado a fundação da Academia. Não que a reputo ridícula.  
Não me sinto em disposição de rellatar Chamfort. Uma  
instituição criada por V. é naturalmente composta de ho-



meus, como os que acima apontei, deve ser tomada a serio.  
Mas exactamente por isto a considero prejudicial a litteratura  
brasileira. Pelas minhas tentencias francamente  
libertarias, sou contrario a toda protecção do Estado.  
E' certo que a Academia funda-se no momento, mas  
em virtude de uma tentativa facha, disfarca o joço e  
burca indirectamente os favores officiaes. Quer dizer  
a litteratura vai ser empurrada ao Estado por  
nos, exactamente e apez Pichelieu, com o intuito  
em instrumento. id. O caso de França e in-  
co nos nos generos e seu destino pela força de império,  
de originalidade, de liberdade não se pode equiparar  
a litteratura francesa a' de Inglaterra, onde a politica  
em relação as letras e' positivamente diversa. Seria im-  
possivel entre outros o espectáculo de litteratos officiaes for-  
cando rimas em louvor do Rey. Tem-se visto que  
na França domina a regra, e a ordem alli para firmarse  
a unidade comprehendendo todas as manifestações de vida. Na  
Academia não penetrarão os desordeiros, o esultantes,  
os fortes. Mas não foram elles os creadores, o Moliere,  
o Roussau, Diderot, Balzac, Flaubert para citar o meu  
e aquelles que têm reinvogado as factories do espirito litte-  
rario? No Brazil, quer não i' a França, a causa e'



piores. A materia intellectual, a producao nas i'tad  
niva, taõ luxuriantu que precise de ser amejmentada. Tra-  
ta-se de um pequeno ribeiro, cujas aguas se quer apre-  
Captar para leva-la, a uma piscina limpa, ladrilha-  
da, por um estorif, eccando-o por falta de seiva em sua  
fonte. Deixemos o filho da floresta entregue a sua  
brama natural. deixemos-lo ~~em~~ engrandecer e desenvolver.

ven Aranha  
(copia feita por elle mesmo)

Graca Aranha